

O ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DE PORTUGAL E DA GALIZA (ALEPG)

João SARAMAGO
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

HISTORIAL

A primeira vez que o ALEPG foi referido, aconteceu no decorrer do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros que se realizou em Lisboa em 1957.¹

Na apresentação do projecto ALEPG, os autores, para além de salientarem a sua importância “para o progresso da Filologia Portuguesa”, apresentavam o que achavam dever ser as suas linhas gerais. Muito sucintamente elas eram as seguintes:

Espaço territorial: a totalidade do domínio linguístico galego-português. Assim sendo, as recolhas deveriam estender-se a áreas politicamente não portuguesas, com especial relevância para a Galiza.²

Princípios metodológicos: a) a densidade da rede situar-se-ia entre os 300 – 350 pontos de inquérito;³ b) a existência de apenas um inquiridor que, mais tarde, deveria colaborar na elaboração dos mapas linguísticos;⁴ c) a transcrição fonética, não sendo “exageradamente minuciosa” deveria possibilitar a descrição, fonética e fonológica, dos diferentes falares em estudo;⁵

1. (Boléo/Carvalho/Cintra, 1960: 413-417).

Já antes tinha havido duas tentativas para o lançamento de um projecto de atlas linguístico nacional. A primeira, em 1932, pela Direcção do Centro de Estudos Filológicos que anunciava, como um dos principais objectivos a concretizar, o *Atlas Linguístico de Portugal e Ilhas* (Centro de Estudos Filológicos, 1932). A segunda, em 1942, por Manuel de Paiva Boléo que lançou o projecto de um inquérito por correspondência, o *Inquérito Linguístico Boléo* (ILB) com a finalidade de ajudar “o trabalho preparatório para o futuro Atlas linguístico” (BOLÉO (1942), 1974: 8).

2. As restantes áreas eram igualmente as zonas galegas de Oviedo, Leão e Zamora, a faixa do domínio asturo-leonês contígua a Portugal e uma série de pontos ao longo da fronteira leste que incluiriam Almedilha e povoações da Serra da Gata onde sobreviviam ainda falares galego-portugueses.

3. A sua distribuição estaria de acordo com a “maior ou menor variedade linguística das diversas regiões” e com a densidade populacional de cada uma dessas regiões.

4. Os autores, apesar de se inclinarem para a existência de apenas um inquiridor, não excluíam a hipótese de poder haver mais do que um. Neste caso, cada um dos inquiridores encarregar-se-ia de uma área rigorosamente delimitada.

5. O alfabeto fonético, devidamente adaptado, seria o que era utilizado nas publicações do Centro de Estudos Filológicos.

d) o questionário linguístico seguiria, como modelo, o do *AIS* e o do *ILB*. Estava igualmente prevista a comparação com outros questionários linguísticos já existentes.⁶

Na sua apresentação, os autores tinham previsto para 1959 o início dos trabalhos de campo. Por razões várias, apenas foi possível arrancar com o projecto ALEPG em 1970.

Uma equipa, dirigida por Luís F. Lindley Cintra, deu, nessa altura, início à elaboração do questionário linguístico a ser utilizado nas recolhas.⁷

QUESTIONÁRIO

Trata-se de um questionário essencialmente lexical de base onomasiológica. Os conceitos nele incluídos encontram-se reunidos por campos semânticos adaptados ao agrupamento ideológico proposto por Hallig e von Wartburg para o francês.⁸ No Anexo 1 podem ver-se quais os campos semânticos contemplados no questionário e a respectiva ordenação.

No questionário, o léxico a recolher é de duas categorias e encontra-se graficamente diferenciado: o léxico considerado comum (graficamente a tipo fino) e o léxico considerado especializado, sobretudo relacionado com as actividades tradicionais (graficamente a tipo médio). No Anexo 2 apresenta-se uma folha exemplificativa do questionário.

Alguns dos conceitos existentes no questionário permitem analisar questões de índole fonética, fonológica e morfofonológica. As perguntas que pretendem abordar aspectos fonéticos e fonológicos encontram-se marcadas por um círculo preto que antecede o número dessa pergunta. Quando a palavra se encontra igualmente sublinhada, é indicação de que se trata também de um dos elementos de par mínimo que poderá servir para a caracterização fonológica de diferentes áreas dialectais. (Ver Anexo 2) As perguntas que pretendem abordar aspectos morfofonológicos encontram-se marcadas por um quadrado preto a anteceder o respectivo número. Dos aspectos contemplados, podem destacar-se a formação do plural e do feminino no sistema nominal e a metafonía nos sistemas nominal e verbal. (Ver Anexo 2)

Algumas das perguntas podem encontrar-se marcadas com um triângulo preto. Tal facto é indicador do seu interesse etnográfico. Quando em alguma dessas perguntas existe o sinal = seguido de um número romano, trata-se de uma referência ao número do desenho existente no álbum utilizado pelos inquiridores. (Ver Anexo 2)⁹

6. Os autores referem o questionário do *ALPI*, do *Atlas Lingüístico y Etnográfico de Andalucía* e do *Atlas Linguistique de la France par régions*. Também estava previsto o recurso à consulta dos diferentes vocabulários dialectais, publicados ou inéditos, e dos materiais lexicais já recolhidos para o *ILB*.

7. O questionário, em três volumes, foi publicado em 1974. *Questionário Linguístico*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura / Instituto de Linguística.

8. (Hallig/Wartburg, 1952: 1-94).

9. No início do volume 1 existem várias fichas destinadas a serem preenchidas com dados referentes à localidade do inquirido e aos informantes.

REDE DE PONTOS

O número de localidades que constituem a rede do ALEPG é de 212. A sua repartição geográfica é a seguinte: território continental português, 176 pontos; território insular português, 24 pontos (7 no arquipélago da Madeira e 17 no arquipélago dos Açores) e zona fronteiriça, 12 pontos.¹⁰ Os Anexos 3, 3a e 3b dão conta da distribuição geográfica e dos nomes das localidades.

Os critérios que estiveram subjacentes à escolha das localidades e da respectiva distribuição foram os que normalmente têm sido usados neste tipo de projectos: o maior ou menor grau de variação linguística de cada uma das regiões¹¹ e o da sua densidade populacional.¹²

OS INFORMANTES

Procurou-se, sempre que possível, que os informantes pertencessem a uma camada etária acima dos 50 anos; no máximo, com a escolaridade primária; com o mínimo de ausências da localidade e por curtos espaços de tempo; com pais e cônjuge oriundos da localidade ou, então, de localidades próximas. Deviam igualmente possuir boa capacidade de resposta, para além de boas características articulatórias..

Em cada inquérito existe um informante principal, para os capítulos mais genéricos do questionário e vários informantes secundários, em número variável, para os capítulos mais específicos (moagem, tecelagem, olaria, cestaria...).

INQUIRIDORES

A grande maioria dos inquéritos foi realizada por quatro investigadores do CLUL: Manuela Barros Ferreira, João Saramago, Luisa Segura e Gabriela Vitorino.¹³

10. Devido à lentidão com que os inquéritos foram realizados, a problemas de ordem financeira e ao aparecimento do Atlas Lingüístico da Galiza (ALGA), a equipa decidiu não alargar a rede do ALEPG à totalidade do território galego. Está, no entanto, nos seus projectos um possível aproveitamento de algum material lingüístico do ALGA.

11. Também entraram em linha de conta factores de ordem geográfica – cobertura mais ou menos uniforme do território estudado – e de ordem histórica – regiões cujo povoamento inicial influenciou ou poderá ter influenciado a actual realidade linguística, por exemplo a zona de Miranda, a zona que abrange o sul da Beira Baixa e norte do Alto Alentejo, a zona do Barlavento algarvio.

12. O Algarve, quando comparado com as restantes regiões, apresenta uma rede de pontos um pouco mais densa. A razão desta discrepância deve-se ao facto de, na altura em que os inquéritos foram efectuados nessa região, estar ainda prevista uma rede com um número total de pontos superior aos 212 que acabaram por constituir a rede final.

13. Houve, no entanto, outros inquiridores que participaram pontualmente, sobretudo nos primeiros anos, na realização de inquéritos, quer nos inquéritos iniciais de prospecção, quer em inquéritos definitivos: Filipa Gottschalk, Graça Themudo Barata, André Eliseu, José Manuel Feio da Costa Santos, José Manuel Sobral, Celeste Augusto, Ana Paula Banza, Ernestina Carrilho e Maria Lobo.

Os investigadores constituíam-se em equipas de dois elementos que trabalhavam, salvo raras excepções, em estreita colaboração tanto mais que, como os inquéritos foram gravados na íntegra, houve a necessidade de um deles estar igualmente atento a todos os aspectos técnicos relacionados com a gravação.

REALIZAÇÃO DOS INQUÉRITOS

Os inquéritos foram iniciados em finais de 1973 e tiveram a sua conclusão em 2004 (ver Anexo 4)¹⁴

Em 1990, a equipa decidiu reduzir as perguntas do questionário para cerca de metade. O objectivo desta decisão foi apressar o ritmo das recolhas de modo a possibilitar a cobertura da totalidade do território no menor espaço de tempo possível.¹⁵ Deste modo foram conservados os capítulos cujo léxico mostrava tendência a desaparecer mais rapidamente, a saber, as tecnologias tradicionais, a agricultura e a agro-pecuária, num total de cerca de 1500 perguntas.

ESTADO ACTUAL DOS TRABALHOS

Actualmente a equipa, que se encontra reduzida a 3 elementos, procede à audição e respectiva transcrição, para os questionários linguísticos, dos materiais recolhidos em cada um dos inquéritos.

Como já foi dito, os inquéritos foram gravados na íntegra em suporte magnético. O total de horas que actualmente constitui o arquivo sonoro atinge cerca de 4500 horas.¹⁶

Nestes últimos anos, o material gravado foi copiado para suporte digital, de modo a garantir uma melhor e mais satisfatória conservação.

INFORMATIZAÇÃO DOS MATERIAIS

Com a dupla finalidade de facilitar a consulta dos materiais transcritos e de proceder à respectiva cartografagem de modo automático, foi elaborada uma base dados. Trata-se de uma base dados de tipo relacional cujo modelo se encontra esquematizado no Anexo 5.

14. No ano de 1975 não se realizaram inquéritos para o ALEPG. A equipa dedicou-se à realização dos 53 inquéritos pertencentes ao projecto *Atlas Linguarum Europae*. Entre 1985-1988 as recolhas foram suspensas para que os investigadores pudessem preparar as suas teses de progressão na Carreira de Investigação.

15. A tal decisão também não foram alheios os preocupantes problemas de ordem financeira com que o projecto se debatia. Entre 1994-96 foi possível realizar 88 inquéritos graças ao financiamento concedido pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica através dos projectos PCSH/C/LING/534/93 e PCSH/C/LIN/1183/95. No Anexo 1, estão marcadas a cinzento as perguntas que ficaram a fazer parte do questionário reduzido.

16. Neste número encontram-se também incluídos os registos magnéticos dos inquéritos realizados para as primeiras recolhas de prospecção, para o ALE, para os trabalhos de tese dos investigadores e, ainda, para recolhas pontuais que acabaram por não serem aproveitadas para os inquéritos.

A sua estrutura consta de tabelas que se encontram necessariamente relacionadas entre si, ou seja, a relação entre uma tabela e a que se lhe segue deve ser de um para muitos. Assim sendo, o preenchimento de cada uma das tabelas deverá obrigatoriamente seguir uma determinada ordem.

De modo muito sucinto, existem dois tipos de tabelas. Um que corresponde à estrutura básica do questionário e outro que corresponde à informação concreta recolhida em cada um dos inquiridos. No primeiro caso, para se chegar à tabela dos conceitos que correspondem a cada uma das perguntas do questionário linguístico, tornou-se necessário proceder ao preenchimento referente às tabelas que a ela conduzem: a tabela do *supra-campo semântico*, a tabela do *campo semântico* e a tabela do *sub-campo semântico* a que cada um dos conceitos pertence. No segundo caso, para ser possível introduzir as respostas concretas obtidas em cada inquirido para cada um dos conceitos, tornou-se necessário proceder ao preenchimento prévio das tabelas *inquirido, informante, pergunta e resposta*.

Além destas tabelas foram criadas ainda outras três: (i) a dos *conceitos relacionados* (onde se registam respostas que correspondem a conceitos que não constam do questionário mas que, semanticamente, estão próximos de outros que lá se encontram); (ii) a de *outros atlas* e a de *relação com outros atlas* (onde se regista o material linguístico que pode ser aproveitada para outros projectos de Geografia Linguística).

Quando as tabelas acima referidas se encontrarem devidamente preenchidas, pode, então, proceder-se à consulta da base de dados. A informação obtida, sob a forma de relatório, tanto pode ser visualizada no écran como impressa.

São os seguintes os tipos de relatório passíveis de serem obtidos: (i) relatório de *conceitos* (listagem dos conceitos do questionário agrupados por supra-campo, campo e sub-campo semântico); (ii) relatório de *informantes* (listagem, por inquirido, dos informantes, acompanhada da informação referente a cada um deles); (iii) relatório de *respostas* (listagem da totalidade das respostas obtidas em cada inquirido. Cada resposta, em transcrição fonética, vem acompanhada da respectiva forma ortográfica, do código do informante e, eventualmente, de outras observações); (iv) relatório de *conceitos relacionados* (listagem dos conceitos relacionados existentes em cada inquirido); (v) relatório dos *conceitos sem resposta* (listagem de todas as perguntas para as quais não foi obtida resposta em cada inquirido); (vi) relatório de *respostas a um conceito* (listagem das respostas obtidas a um determinado conceito na totalidade dos inquiridos); (vii) relatório de *respostas seleccionadas* (listagem das respostas obtidas para um determinado número de conceitos, previamente seleccionados, em um ou mais inquiridos); (viii) relatório de *conceitos e outros atlas* (listagem dos conceitos que são coincidentes nos questionários linguísticos de dois projectos de atlas); (ix) relatório de *respostas e outros atlas* (listagem das respostas obtidas aos conceitos coincidentes nos questionários de dois, ou mais, projectos de atlas linguísticos).

A CARTOGRAFAGEM DOS MATERIAIS

A fim de poder permitir uma transposição directa dos dados para mapas linguísticos, na sua correcta localização geográfica, tornou-se necessário acrescentar à estrutura da primitiva base de dados uma nova tabela de *mapas*, dois novos campos na tabela *inquiridos* e mais um campo na tabela *respostas*.

Em cada um dos mapas, gerados de forma automática, pode ser igualmente acrescentado outro tipo de informação, tal como títulos, anotações e legendas. O Anexo 6 exemplifica o que

foi acabado de descrever com um mapa linguístico pertencente ao *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (Ferreira/Saramago/Segura/Vitorino, 2001).¹⁷

OUTROS PROJECTOS DE GEOLINGUÍSTICA EM CURSO NO CLUL

Para além do ALEPG e do já mencionado ALEAç, a equipa participa ainda nos seguintes projectos:

1. *Atlas Linguarum Europae* (ALE) – atlas da totalidade das línguas do continente europeu. (www.clul.ul.pt/sectores/projecto_ale.html)
2. *Atlas Linguistique Roman* (AliR) – atlas da família das línguas românicas. (www.clul.ul.pt/sectores/projecto_alir.html)
3. *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP) – atlas temático que tem como objectivo o estudo do léxico da actividade piscatória nos seus múltiplos aspectos. (www.clul.ul.pt/sectores/projecto_allp.html).

Decorrem igualmente outros dois projectos, de índole geolinguística, um de sintaxe dialectal e outro de morfologia verbal, que utilizam os materiais recolhidos para o ALEPG:

- *Corpus dialectal com anotação sintáctica* (CORDIL_SIN) (www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordialsin.html)
- *Estudo das variantes flexionais do verbo em Português* (VarV) (www.clul.ul.pt/sectores/projecto_estudo_variantes.html)

BIBLIOGRAFIA

BOLÉO, Manuel de Paiva (1974) «Da necessidade de se estudarem os dialectos e falares portugueses e de se organizar o Atlas Linguístico», *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica. Dialectologia e História da Língua*, Vol I, Tomo I, Coimbra: Acta Universitatis Coimbrigensis, pp. 11-18.

17. O *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç) insere-se no projecto ALEPG. Não se trata de um verdadeiro atlas linguístico regional, na medida em que não pretende abordar de modo aprofundado e exaustivo as realidades linguísticas e/ou etnográficas locais. A descontinuidade geográfica do arquipélago em relação ao Continente, a sua especificidade linguística, bem como o interesse mostrado pela Direcção Regional da Cultura da Região Autónoma dos Açores, levaram a perspectivar a publicação, de modo independente, dos materiais recolhidos para o ALEPG em 17 localidades das nove ilhas dos Açores. Estão previstos nove volumes de mapas de natureza essencialmente lexical. O primeiro volume, que aborda a terminologia relacionada com a criação de gado (bovino, ovino e caprino); o leite e seus derivados; o porco e a matança, já se encontra publicado e é composto por 136 mapas lexicais e 8 morfológicos. Igualmente prontos para publicação, encontram-se três outros volumes: a vinha e o vinho; os trabalhos do linho e da lã (132 mapas lexicais e 6 morfológicos); o cultivo dos cereais; a moagem e a panificação (145 mapas lexicais e 6 morfológicos); a fauna e flora marinhas (156 mapas lexicais). Mais informação pode ser obtida através da consulta do site: www.clul.ul.pt/sectores/projecto_aleac.html.

- BOLÉO, Manuel de Paiva, CARVALHO, José G. Herculano de, LINDLEY, Cintra Luís F. (1960) «Projecto de um Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza», *Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* (Lisboa, 1957), vol. II, Lisboa, pp. 413-417.
- Centro de Estudos Filológicos (1932) «Os objectivos do Centro de Estudos Filológicos», *Boletim de Filologia*, Tomo I, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 1-2.
- FERREIRA, Manuela Barros, SARAMAGO, João, SEGURA, Luisa e VITORINO, Gabriela, (com a colaboração de Ernestina Carrilho e Maria Lobo) (2001) *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç), vol. I *A Criação de Gado*, Lisboa / Angra do Heroísmo: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa / Direcção Regional da Cultura-Açores.
- HALLIG, Rudolf e VON WARTBURG, Walther (1952) *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie – Versuch eines Ordnungsschemas*, Berlin: Akademie-Verlag.

ANEXO 1

Vol. I		
A.	O UNIVERSO	
A.1	<i>O céu e atmosfera</i>	
A.1.1.	O céu e os corpos celestae	0001-0014
A.1.2.	A atmosfera	0015-0049
A.2.	<i>A terra</i>	
A.2.1.	Os rios e os mares	0050-0089
A.2.2.	O terreno, configuração e constituição	0090-0112
A.3.	<i>As plantas</i>	
A.3.1.	Ervas, arbustos e flores	0113-0175.0.3
A.3.2.	As árvores	0176-0201
A.4.	<i>Os animais</i>	
A.4.1.	Os mamíferos	
A.4.1.1.	Animais domésticos (o cão e o gato)	0202-0212
A.4.1.2.	Os animais bravios	0213-0232.0.1
A.4.2.	As aves	0233-0274
A.4.3.	Os peixes e outros animais marinhos	
A.4.3.1.	Os peixes	0275-0334
A.4.3.2.	Moluscos e crustáceos	0335-0352.3
A.4.3.3.	Outros animais marinhos	0353-0358
A.4.4.	Os insectos e outros invertebrados	0359-0394
A.4.5.	Batráquios e répteis	0395-0406
B.	O HOMEM	
B.1	<i>O homem, ser físico e psíquico</i>	
B.1.1.	O corpo humano	
B.1.1.1.	A cabeça	0407-0437.1

B.1.1.2.	Os sentidos e a sua actividade	04438-0458.1
B.1.1.3.	O tronco e os órgãos internos	0459-0477
B.1.1.4.	Os membros	0478-0518
B.1.1.5.	A pele e as infecções da pele	0519-0538
B.1.1.6.	A saúde e as doenças	0539-0566
B.1.2.	As necessidades do homem	0567-0619.0.2
B.1.2.1.	O vestuário	0567-0619.0.2
B.1.2.2.	A alimentação	0620-0648.0.2
Vol. II		
B.1.3.	Situações e actividades físicas e psíquicas	
B.1.3.1.	Os movimentos e as posições	0649-0663
B.1.3.2.	Os sentimentos e suas manifestações. O carácter	0664-0690
B.2	<i>O homem e o trabalho</i>	
B.2.1.	A agricultura	
B.2.1.1	Generalidades (preparação do terreno – rega)	0691-0744
B.2.1.2.	Os cereais: o trigo e o milho – a ceifa e a debulha; a desfolhada	0745-0802
B.2.1.3.	As alfaias agrícolas	0803-0843
B.2.1.4.	A horta: produtos hortícolas e outros utilizados na alimentação	0844-0888
B.2.1.5.	As árvores e os frutos	0889-0935
B.2.2.	Aproveitamento dos produtos vegetais	
B.2.2.1.	A vinha e o vinho	0936-0976
B.2.2.2.	A oliveira e o azeite	0977-1000
B.2.2.3.	A farinha: mooinho e panificação	1001-1041
B.2.2.4.	O linho e o tear	1042-1075.0.2
B.2.2.5.	O sobreiro e a cortiça; a azinheira – o pinheiro e a resina	1076-1107
B.2.2.6.	O lenhador e o forno de carvão	1108-1123
B.2.3.	A criação de gado	
B.2.3.1.	Generalidades	1124-1151
B.2.3.2.	O gado vacum	1152-1174
B.2.3.3.	O gado ovino; o gado caprino	1175-1196
B.2.3.4.	O leite e o queijo	1197-1210
B.2.3.5.	O porco e a matança	1211-1252.4
B.2.3.6.	O gado equino	1253-1272
B.2.3.7.	As aves de capoeira	1273-1303
B.2.3.8.	As abelhas e o mel	1304-1314
B.2.4.	Os barcos e a pesca	1315-1373
B.2.4.1.	Os barcos	1315-1373
B.2.4.2.	A pesca	1374-139
Vol. III		
B.2.5.	Ofícios e profissões. Outras actividades	
B.2.5.1.	Generalidades	1391-1421
B.2.5.2.	O ferreiro e o ferrador	1422-1434

B.2.5.3.	O carpinteiro e o pedreiro	1435-1463
B.2.5.4.	O oleiro	1464-1477
B.2.5.5.	O cesteiro	1478-1490
B.2.5.6.	O moliço e as salinas	1491-1505
B.2.5.7.	A caça	1506-1512
B.3.	<i>A habitação</i>	
B.3.1.	A casa: aspecto exterior e construção	1513-1553.10
B.3.2.	O quarto de dormir	1554-1574
B.3.3.	O lar e a cozinha	1575-1636
B.3.4.	Outras ocupações domésticas	1637-1663.2
B.4.	O homem, ser social	
B.4.1.	A vida humana: nascimento, idades, vida e morte	1664-1721
B.4.2.	A família; as relações sociais e de parentesco	1722-1743
B.4.3.	A língua e a comunicação	
B.4.3.1.	A comunicação	1744-1754
B.4.3.2.	Fórmulas de tratamento	1755-1767
B.4.3.3.	Fórmulas de saudação, despedida, agradecimento e súplica	1768-1776
B.4.4.	A sociedade: organização e situações marginais	1777-1810
B.4.5.	A vida espiritual e as diversões	
B.4.5.1	A religião; as superstições	1811-1832.0.1
B.4.5.2	As festas religiosas e profanas	1833-1862
B.4.5.3	Os jogos	1863-1899
C.	O HOMEM E O UNIVERSO	
C.1.	<i>A qualidade e o espaço</i>	1900-1924.0.2
C.2.	<i>O número e a quantidade</i>	
C.2.1.	Numerais e medidas	1925-1993.4
C.2.2.	Unidades monetárias	1994-2011
C.3	<i>O espaço</i>	2012-2036
C.4.	<i>O tempo</i>	2037-2077

ANEXO 2

malhar	interesse fonético	<input checked="" type="checkbox"/>	0 7 7 5	
.....				
.....				
aventar	léxico especializado		0 7 7 6	
.....				
.....				
forquilha	interesse etnográfico	<input checked="" type="checkbox"/>	0 7 7 7	
.....				
número do desenho no álbum			= XVIII	
.....				
moinha		<input checked="" type="checkbox"/>	0 7 7 8	
.....				
.....				
palha	elemento de par mínimo	<input checked="" type="checkbox"/>	0 7 7 9	
.....				
.....				
coanha		<input checked="" type="checkbox"/>	0 7 8 0	
.....				
.....				
acoanhar		<input checked="" type="checkbox"/>	0 7 8 1	
.....				
.....				
pá	interesse morfológico	<input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	0 7 8 2	
.....				
.....				

ANEXO 3



ANEXO 3A

Viana do Castelo	VC
1	Moledo do Minho
2	S. Lourenço da Montaria
3	Castro Laboreiro
4	Estrica
5	Bade
6	Fornelos
7	Castelo de Neiva
8	Arcos de Valdevez
Braga	Br
1	S. Romão da Ucha
2	Gondomar das Taipas
3	Vila Boa de Bucos
4	S. João do Campo
5	Fiscal
6	Soutelo
7	Gagos
8	Pousada de Saramagos
Porto	P
1	Baião
2	Gião
3	Sardoura (Aveiro)
4	Sobrado
5	Barrocas (Stº Estêvão)
Vila Real	VR
1	Santo André
2	Pitões das Júnias
3	Mondrões
4	Perafita
5	Ribeira de Fraga
6	Sonim
7	Sedielos
8	Roalde
9	Covas de Barroso
10	Vidoeiro

Bragança	Bç
1	Rio de Onor
2	Guadramil
3	Constantim
4	Sendim
5	Duas Igrejas
6	Ribalonga
7	Sambade
8	Penas Roias
9	Lanção
10	Algoso
11	Outeiro
12	Masouco
13	Ala
14	Travanca
15	Marmelos
16	Larinho
Aveiro	A
1	Espinho
2	Cesar
3	Válega
4	Carvoeiro
5	Covo
6	Moitinhos
7	Pardieiro
Viseu	V
1	Lajeosa do Dão
2	Múceres
3	Tibaldinho
4	Granjal
5	Santar
6	Mezio
7	Malhada
8	Granja do Tedo
9	Rãs
10	Vila Verde
11	Ester de Cima

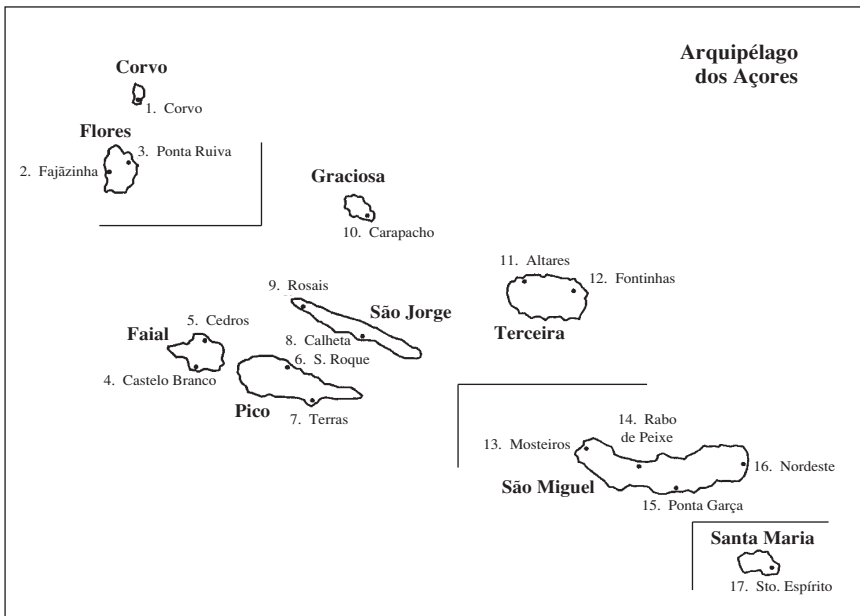
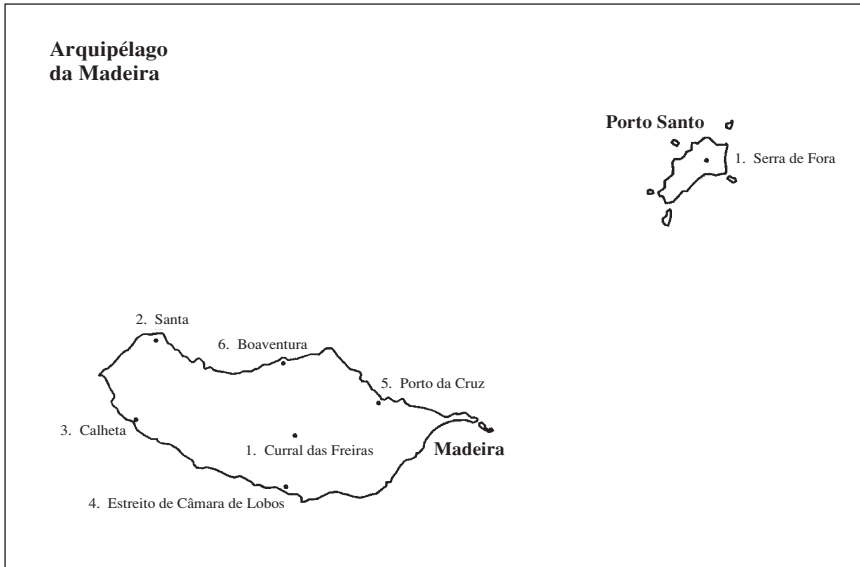
Guarda	G
1	Monteiros
2	Escalhão
3	Sortelha
4	Sabugueiro
5	Seixas
6	Barreira
7	Vale da Mula
8	Fóios
9	Malhada Sorda
10	Palha
11	Figueiró da Serra
Coimbra	C
1	Folques
2	Murtinheira
3	Mira
4	Porto de Vacas
5	Ervedal da Beira
6	Casconho
7	Papanata
8	Figueira do Lorvão
9	Vila Pouca do Campo
Castelo Branco	CB
1	Idanha-a- Nova
2	Monsanto
3	Malpica do Tejo
4	Salvaterra do Extremo
5	Alcongosta
6	Cardosa
7	Foz do Cobrão
8	Rosmaninhal
9	Unhais da Serra
10	Isna
Leiria	L
1	Ferrel
2	Vieira de Leiria
3	Boca da Mata
4	Mosteiro

5	Moita do Martinho
6	Cela Velha
7	Antões
Lisboa	Lx
1	Fontanelas
2	Aldeia Galega
3	Freixial
4	Dagorda
5	Póvoa de Penafirme
6	Enxara do Bispo
Santarém	S
1	Amiais de Baixo
2	Mesão Frio
3	Pereiro
4	Glória do Ribatejo
5	Alcanhões
6	Montalvo
7	Santa Justa
8	Parreira
9	Igreja Nova do Sobral
Portalegre	Pl
1	Alegrete
2	Alpalhão
3	Nisa
4	Aldeia da Mata
5	Porto da Espada
6	Campo Maior
7	Avis
8	Foros do Arrão
9	Cabeço de Vide
10	Vale da Vinha
Setúbal	St
1	Porto Covo
2	Melides
3	Alcochete
4	Aldeia do Meco
5	Palma
6	Foros de Casa Nova

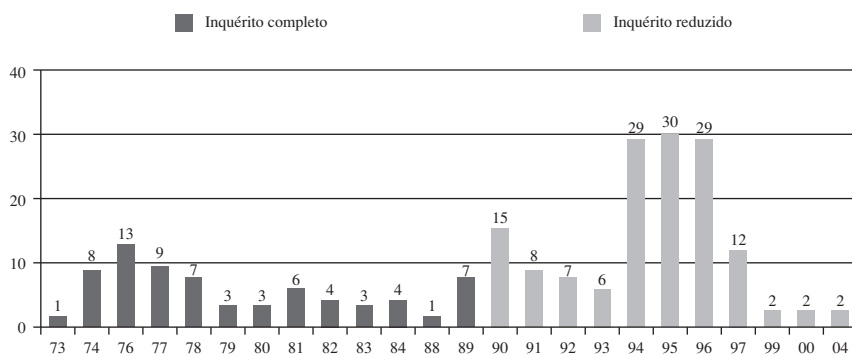
7	Água Derramada
8	Canha
Évora	E
1	S. Romão
2	Alcáçovas
3	Arraiolos
4	N. Sr ^a de Machede
5	Carrapatelo
6	Lavre
7	Baldios
8	S. Lourenço de Mamporcão
9	Santana
10	Terena
Beja	B
1	Peroguarda
2	Quintos
3	Serpa
4	Zambujeira do Mar
5	Barrancos
6	Álamo
7	Nave Redonda
8	Aljustrel
9	Mesquita
10	Moura
11	Panóias
12	Porteirinhos
13	S. Barnabé
14	Corte Cobres
15	Luzianes

Faro	F
1	Salema
2	Santa Luzia
3	Fuzeta
4	Vila do Bispo
5	Marmelete
6	Quarteira
7	Parises
8	Alvor
9	Encheirim
10	Aljezur
11	Alta Mora
12	Alte
13	S. Marcos da Serra
14	Laranjeiras
15	Penteadeiros
16	Junqueira
Espanha	
	Goían
	Torneiros
	Oimbra
	Hermisende
	Latedo
	Torregamones
	Alamedilla
	S. Martín de Trevejo
	Cedillo
	Rabaça
	Olivença
	Encinasola

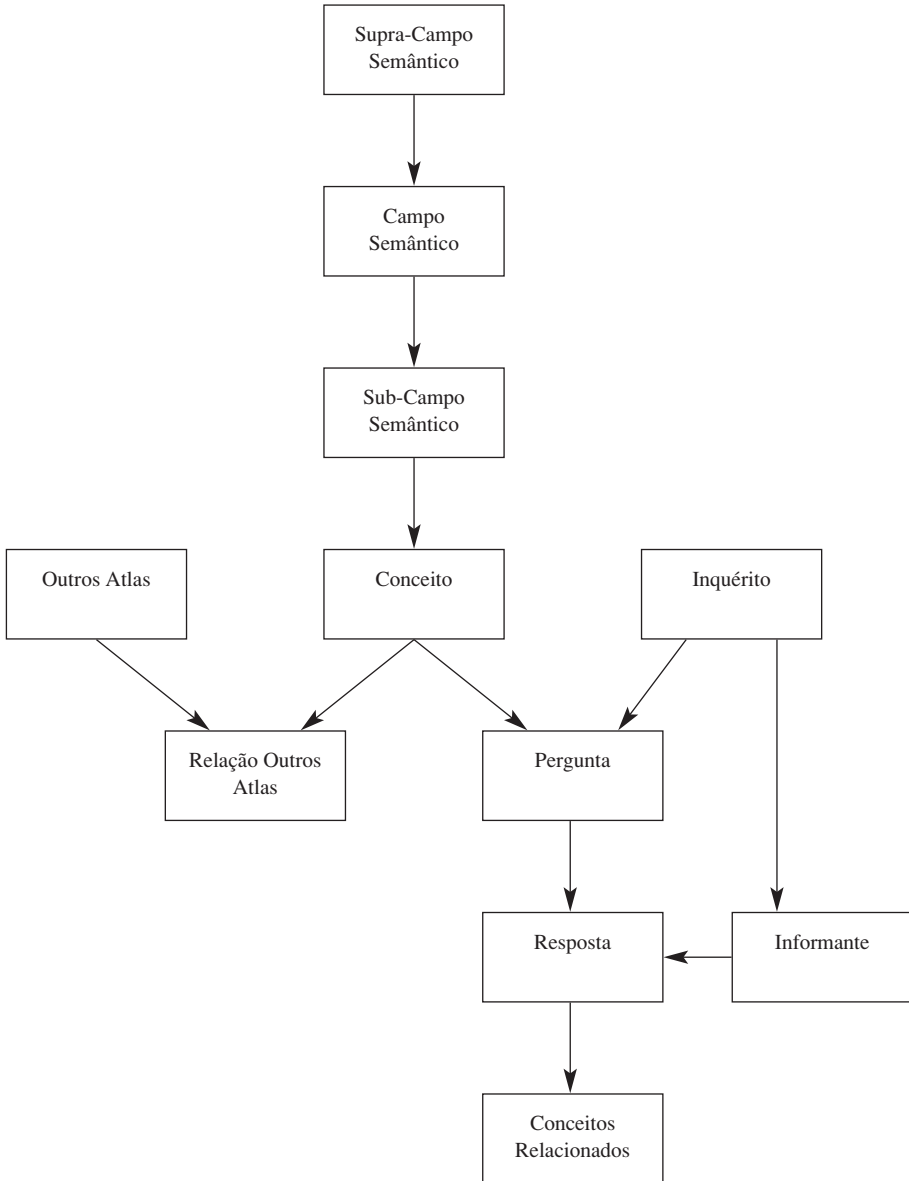
ANEXO 3b



ANEXO 4



ANEXO 5



ANEXO 6

Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores • ALEAç

BANHA DERRETIDA

P. 1244

126

Convo
gr'ãjfe
b'ẽne
gorð'ure

Flores
b'ẽne
girð'ure

gr'ãjfe → gr'ãjfe
b'ẽne

Graciosa
b'ẽne
girð'ure
gr'ãjfe

Faial
gr'ãjfe
b'ẽne
gurð'ure

gr'ãjfe
b'ẽne
gurð'ure

Pico
gr'ãjfe
b'ẽne

S. Jorge
b'ẽne
girð'ura

Terceira
gurð'ure
gr'ãjfe
girð'ure

S. Miguel
mãt'ejre - mãt'ejre
mãt'ejre
b'ẽne

b'ãne
mãt'ejre

mãt'ejre - mãt'ejre ; mãt'ejre
mãt'ejre ðæg b'ãnej
b'ãne

Sta. Maria
mãt'ejre - mãt'ejre

banha: 1-8, 10, 13, 14, 16;
gordura: 1, 3-6, 8-12;
graxa: 1, 2, 4-7, 10, 11;
manteiga: 13-17;
manteiga das banhas: 14.

No Faial (5), Pico (6) e Graciosa (10) o termo *graxa* foi indicado como sendo antigo, ao contrário do que aconteceu nos Altares (11), onde foi reconhecido, mas como termo recente. Em S. Jorge (8) o vocábulo mais usado antigamente era *gordura*, enquanto que em S. Miguel (13, 14, 16) a palavra *manteiga* é tida por mais antiga que *banha*. Segundo o informante do Nordeste (16), *banha* impôs-se porque permitia diferenciar a gordura de porco da manteiga de vaca, que antigamente não se usava e agora usa. Nos Cedros (5), *graxaria* [gra/'rãje] é a totalidade da banha derretida: "o porco deu muita graxaria". A gordura derretida costumava guardar-se numa *cabouca* [keþ'ð'ke] (12). [keþ'ðke] (17), vasilha de barro vidrado, ou numa *barsa* [b'ersẽ] também de barro, alta e mais larga no fundo que na boca (5).